



Chrys Chrystello*

Foi há 50 anos. Partida para Timor, chegada a Dili setº 1973 (Conclusão)

V. TIMOR

timor cresceu cercado
lendas que a distância empolgou
o sonho
a quietude
as 1001 noites do oriente exótico
o sortilégio dos trópicos
para o europeu
chegar era já desilusão
desprevenido
sobrevoa estéril ilha
montes e pedras
agreste paisagem sulcada
leitos secos
abruptas escarpas
terra sem marca de homem
esparças cabanas de colmo
será isto timor?
o avião desce o vazio em círculos
em vão os olhos buscam a pista
por trás de um montículo imprevisto
se vislumbra o "T"
e a torre de controlo dos folhetos de propaganda
nunca existiu (naquele formato)
a alfândega é o bar
a sala de espera
sob o zinco e o colmo
isto é baucau
aeroporto internacional
a vila salazar dos compêndios
que a história esqueceu
uma turba estranha se amontoa
à chegada do cacatua-bote¹
o patas-de-aço
esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro
descendo dos céus
dia de festa para os trajés multicoloridos
o contraste do castanho de sóis pigmentados
cinco da manhã
e é já o pó e o calor
o espanto mudo nas bocas incrédulas
as formalidades aqui com sabor novo
espera lenta e compassada
séculos de futuro por viver
antes que ele venha
antes não venha
num barracão zincado uma velha bedford
de carga com caixa fechada
vidros de plástico sob o toldo puido
pomposo dístico colonial
carreira pública baucau-dili
picada em terreno plano
mar ao fundo
baucau
cidade menina por entre palmares
densa vegetação tropical
conosco se cruzam estranhos homens de lipa²
galo de combate ao colo
entre torsos e braços nus
das ruínas do mercado se evocam
desconhecidos templos romanos
estrada nº 1 até dili
sulcam-se abruptas as encostas
ao mar sobranceiras
ali se adivinham cristais multicolores
em lugar de pontes se atravessam ribeiras
enormes

leitos secos
o tempo as converteu em estradas de ocasião
pedregoso solo
cores indefinidas
castanhos e verdes
palapas³ dissimuladas na paisagem
imagens tristes de pedras e montes
baías primitivas
inconquistas
praías de despojos e conchas
paraísos insuspeitos
as gentes de sorrisos vermelhos
assusto-me
não é sangue nas bocas gengivadas
masca, mescla de cal viva e harecan⁴
placebo psicológico da alimentação que falta
um sorriso encarnado esconde a fome
súbito
por paisagens que só a memória
sem palavras descreverá
eis dili
a capital
larguíssima avenida semeando o pó nas pala-
pas
casas de pedra com telhados de zinco
na ponta leste chinas e timores
partilham a promiscuidade da pobreza
dili
plana e longa
a vasta baía antevedo imponente
o atauro ilha
um porto incipiente
a marginal desagua no farol
construções coloniais pós 1945
da guerra que ninguém quis
dos mortos que os japoneses quiseram
da neutralidade do país mãe calado e violado
albergam chefes de serviço
altas patentes militares
sem guerras para lutar
sem movimentos libertadores das gentes

quinze quilómetros de asfalto
três casas dantes da guerra grande
aeródromo em terra batida
um jipe de afugenta búfalo
a rua comercial atravessa dili senhora
de leste a oeste
espinha dorsal
o centro
o palácio das repartições
o do governo
perto um museu
o seu nome ostenta o vazio
riquezas sem fim
seus governadores exportaram
patriotas
colonizadores de séculos com nada para mos-
trar
um museu morto
dois sinaleiros nas horas de ponta
ociosos às portas dos cafés
à noite transfiguram-se
os bas-fond
o texas bar
da prostituição às slot machines
o submundo

a vida underground
afogar esperanças em álcool
sonhos há muito perdidos nunca sonhados
restaurantes poucos
melhor comida a chinesa
bares espalhados pela cidade
militares e álcool para calar distâncias
um portugal dos pequeninos
longínquo
cada vez mais
esquecido
nunca.
1973 numa cidade sem vida
morrendo nas cinzas
próprias de cada noite
por entre o silêncio e a voz triste dos tokés
o calor putrefacto
por entre o voo alado das baratas gigantes
carros poucos
de dia só do estado
motocicletas pululam por entre viaturas oficial-
mente pretas e verdes
esperando mulheres de oficiais
às portas dos cabeleiros
do liceu
militares a pé
em berlins ou unimogs
chineses muitos

dili é isto
a desolação
na parte alta da cidade o complexo militar
barracas insalubres
sob a sombra dos hospitais
um civil um militar
fresco e verdejante vale
triste esta cidade
pretensamente euro-africana
palapas marginando ruas
nelas vive o timor
sem água nem luz
dez ou quinze filhos
que importa
a miséria é só uma e a mesma?
esta "a terra que o sol em nascendo vê primei-
ro"
aqui as imagens
e são já história
não se repetirão
aqui não daremos testemunho
como transfigurar
colónias pacíficas
em palcos de guerra.

¹ cacatua-bote ou patas-de-aço eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

² lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

³ casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

⁴ folha de planta semelhante à do tabaco